

APOIO:



Todos os direitos reservados: ABRALIN

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA
Magno Nicolau

REALIZAÇÃO:
ABRALIN

ISBN 978-85-7539-446-5

A534

Anais - VI Congresso Internacional da Abralín /
Dermeval da Hora (org.). - João Pessoa: Ideia, 2009.
4604p. VOLUME 2

1. Lingüística 2. Hora, Dermeval da.

CDU 801

EDITORA LTDA.
(83) 3222-5986

www.ideiaeditora.com.br
ideiaeditora@uol.com.br

Foi feito o depósito legal
Impresso no Brasil

TOPONÍMIA DAS MALOCAS WAPIXANA: ENCONTRO ENTRE DOIS MUNDOS¹

João Paulo Jeannine Andrade Carneiro²

Introdução

Os Wapixana, grupo de filiação linguística Arawak, são habitantes, por excelência, dos campos norte-amazônicos, principalmente da região fronteira entre o Brasil e a Guiana (antiga Guiana Inglesa). No lado brasileiro, no centro leste do Estado de Roraima, tal região é conhecida como Serra da Lua, composta atualmente por nove Terras Indígenas (TIs), contendo 18 malocas (comunidades indígenas) com aproximadamente 5.000 Wapixana. Analisamos, neste trabalho, os 18 topônimos que designam as malocas dos Wapixana. Neste sentido, utilizamos os referenciais teórico-metodológicos estabelecidos por Dick (1980, 1996) para desvendar o texto onomástico da cartografia Wapixana. Objetivamos, assim, por meio do detalhamento da realidade toponímica da região indígena da Serra da Lua, buscar as características denominativas dos topônimos, no conjunto de cartas individualmente elaboradas e agrupadas por critérios taxionômicos. Destarte, procuramos obter a visão de mundo do grupo denominador, os Wapixana, nos enunciados toponímicos, por meio da aplicação e análise das Fichas Lexicográfico-Toponímicas. Para tanto, o contexto histórico-geográfico e cultural do povo em questão é importante ferramenta metodológica para a compreensão do ato denominativo que irá identificar e particularizar o lugar.

1 Taxionomias Toponímicas das Malocas da Serra da Lua

As Taxionomias Toponímicas propostas por Dick (1980) foram desenvolvidas com base no texto onomástico da cartografia brasileira. Assim, as Taxionomias foram divididas em duas naturezas: as **físicas**, com influências do mundo abiótico (litosfera, atmosfera, hidrosfera) e biótico (flora e fauna); e os de natureza **antropo-cultural**, formado pelo homem e suas atividades. Com base nesses pressupostos, iremos analisar a toponímia das malocas Wapixana, no sentido das taxionomias mais, para as menos numerosas.

1.1 Zootopônimo

Zootopônimos são os topônimos de índole animal, representados por indivíduos domésticos e não domésticos e da mesma espécie em grupos. Entre os Wapixana, há uma preferência por este tipo de denominação, pois, como veremos, 36% das malocas pertencem a este grupo. Iniciaremos nossa análise pela Terra Indígena (TI) de Manóá / Pium.

Encontramos nesta terra indígena três zootopônimos: Pium, Alto Arraia e Sapo. A mais antiga dessas malocas é a do Pium; sua localização é fronteira, encontra-se a apenas dois quilômetros da fronteira hídrica entre Brasil e Guiana, o rio Tacutu. O morador mais antigo que encontramos na maloca foi seu Emiliano³, que afirma ter chegado na região na década de 1940, quando já havia no

¹ Parte deste artigo é fruto do terceiro capítulo de minha dissertação de mestrado, aprofundado pelos meus últimos trabalhos de campo na região da Serra da Lua, realizado nos meses de junho, julho e novembro de 2008.

² Geógrafo formado pela UNESP - Rio Claro e mestre em Linguística pela USP. Correio eletrônico: joaojeannine@gmail.com

³ Emiliano (87 anos), maloca do Pium, 2006 (informação verbal).

local alguns wapixana. Na década de 70, chegou um novo grupo de wapixana procedentes do país vizinho (Guiana). Esta nova leva de migrantes fez com que a língua Wapixana fosse fortalecida, pois era a única inteligível entre os grupos, diferente das línguas oficiais dos dois países: o inglês e o português. Além disso, o ensino da língua materna também se intensificou, visto que os wapixana da Guiana já tinham certa experiência neste campo, já que os evangélicos daquele país haviam desenvolvido materiais didáticos na língua. O centro geográfico da maloca está aos pés da serra do Pium, que passou a denominar também a comunidade. A escolha do nome, segundo seus habitantes, surgiu em decorrência da grande quantidade de pium⁴, principalmente durante os invernos, época de muita chuva.

No extremo sudoeste da mesma TI encontramos a maloca de Alto Arraia. Seus primeiros moradores vieram da maloca vizinha (TI de Moskow), onde sofriam muitas ameaças de fazendeiros. Como a TI de Manoá/Pium já estava em processo de demarcação pela Funai, por volta de 1980, resolveram caminhar até lá e criar outra maloca. Sobre a escolha do topônimo, dizem os moradores que o primeiro nome foi Jacaminzinho, depois *Kumaká* (do Wapixana árvore, madeira). No entanto, após a presença da igreja católica, um missionário (que achou *Kumaká* muito genérico) resolveu mudar o nome para Alto Arraia, em função de a maloca estar localizada no alto curso do rio Arraia. Neste caso, temos também a transposição do nome do rio para a maloca com a especificidade geográfica do local, próximo às cabeceiras do rio. No entanto, como veremos, não é corrente entre os signos toponímicos Wapixana tal construção sintagmática. Tanto que não há uma forma equivalente para o termo na língua. Podemos identificar este caso como uma excepcionalidade toponímica, haja vista a influência católica na renomeação do lugar. Neste sentido, a motivação toponímica está mais ligada ao rio Arraia do que sua posição geográfica, sendo, portanto, um zootopônimo. Tanto que os wapixana denominam a comunidade em sua língua como *Dybarynau*, 'Lugar da Arraia'.

Ao sul da Maloca do Pium encontramos a maloca do Sapo, também nas proximidades do rio Tacutu. Sua população é a menor da região, com apenas 52 Wapixana. O tuxaua⁵ do Sapo conta que a comunidade foi formada em 1984 pelos habitantes do Pium, exatamente para poder expandir e ocupar a terra demarcada. Entretanto, somente em 1993 foi que o Sapo atingiu o status de maloca, desmembrou-se do Pium e formou seu próprio tuxaua. A motivação do topônimo é em função de uma rocha no rio Tacutu que, segundo os moradores, foi transformada em sapo por *Tuminkarie*⁶. Entretanto, ela só pode ser vista durante o verão, quando as águas estão mais baixas. O topônimo em Wapixana é *Kiberupau* (*kiberu*, 'sapo' e *pau* 'pedra grande' ou 'laje'); deste modo, os Wapixana traduzem como "cachoeira do Sapo". Interessante que na tradução para o português os órgãos oficiais, como a Funai e mesmo o Conselho Indígena de Roraima (CIR), ignoram a cachoeira ou a laje, restando apenas o topônimo simples: Sapo. Entre as narrativas Wapixana, o sapo está associado à transformação e ao gênero feminino⁷, haja vista a mutação do sapo em pedra.

Outro tema recorrente nas narrativas Wapixana, bem como nos demais grupos indígenas do Brasil, é o jabuti, toponimizado na cartografia da região. A maloca do Jabuti pertence à Terra Indígena de mesmo nome, onde consta apenas a comunidade homônima. Antes da demarcação da TI, os wapixana chamavam o lugar de *WinWain*, 'Olho d'Água'. Entretanto, com o processo demarcatório, os indígenas foram obrigados a modificar o nome, pois, segundo a história oral, um funcionário da Funai disse que água não tinha olho e eles teriam que arrumar outro nome. Fizeram, então, uma assembléia, na qual resolveram rebatizar a maloca com o nome de uma ilha próxima, chamada de *Wirada*,

⁴ Espécie de borrachudo, muito comum em regiões alagadiças da Amazônia.

⁵ O líder da maloca, corresponde ao cacique em outras etnias.

⁶ Quanto à concepção de *Tuminkarie*, Faarabe (1918 apud Mussolini, 1944:145) diz: "O criador não é um espírito todo-poderoso com poderes sobrenaturais, mas um super homem (*Tuminkarie*) que viveu na terra antes dos demais homens e que depois, continuou a viver, como homem, entre eles. Atualmente vive no firmamento, não como espírito, mas como homem".

⁷ Confira em Wirth (1950:167).

'Jabuti'⁸. Assim como para os Tupi⁹, os Wapixana também compreendem o jabuti como símbolo de inteligência, rapidez e, principalmente, de astúcia. Suas histórias são repletas de temas em que o jabuti sempre é ameaçado pela onça; entretanto, por sua paciência e eloquência, quem se transforma em vítima é o felino, que de caçador vira presa¹⁰.

Entre as narrativas Wapixana, há também a presença do pássaro jacamim, que foi toponimizado por toda a região, bem como denomina a maior TI da Serra da Lua, a TI de Jacamim. Ela se estende por 193.493 ha, também localizada na região de fronteira com a Guiana. A motivação de seu nome se deve, provavelmente, ao rio *Namachiwa'u* (do Wapixana, *namachi*, 'jacamim' e *wa'u*, 'rio'). O jacamim passou a denominar também o nome da maloca mais próxima ao curso d'água. O viajante Henri Coudreau (1887:287) relata "*Namatchi Ouâ*" como um centro dos indígenas Aturaiu¹¹. Pelas descrições do viajante francês, a maloca de Jacamim localizava-se mais à jusante do rio de mesmo nome. Atualmente, ela se encontra à montante, distante cerca de 3 km do rio.

Por último, temos a maloca de Moskow, contida na TI de Moskow. Numa primeira abordagem, ao entrevistarmos algumas pessoas de malocas vizinhas (principalmente Alto Arraia), ouvimos que o primeiro nome fora *Kuduidintun*, (do Wapixana *kuduidin*, 'onça' e *tun*, 'ilha'). Porém, passado alguns anos, um estrangeiro passou pelo local e observou o modo como os índios viviam. Ele achou que aquilo parecia uma cidade socialista, como Moscou. Os índios gostaram do nome e passaram a denominar o local com o corotopônimo. Mais tarde, em junho de 2008, estávamos na maloca do Alto Arraia, participando da Assembléia Geral dos Tuxauas da Serra da Lua, e conhecemos muitas pessoas do Moskow, que nos disseram que esta versão é mais recente e que a mais antiga é a que condiz com a realidade zoológica da maloca. Assim, disseram-nos que Moskow é uma corruptela de muçum (*Symbranchus marmoratus*), uma espécie de peixe cobra muito abundante na região, que vive próximo aos igarapés. Como os funcionários da Funai não quiseram registrar este nome, resolveram grafá-lo como a Moscou russa. Com o tempo, o topônimo foi wapixanizado, trocaram o "c" pelo "k" e o "u" pelo "w". Foi, por fim, assimilado pelos indígenas.

1.2 Fitotopônimos

Fitotopônimos são os topônimos de natureza vegetal, espontânea, em sua individualidade, em conjunto da mesma espécie ou de espécies diferentes, além de formações não espontâneas individuais e em conjunto. Entre os topônimos analisados, 16% pertencem a este grupo. São eles: Cumarú, Marupá e Muriru.

A maloca de Cumarú é uma das mais recentes da região. Sua ocupação confunde-se, na memória coletiva dos indígenas da maloca de Manoá (a qual pertencia), com a presença dos missionários norte-americanos¹² que, segundo consta, pousavam os aviões próximo de onde hoje existe a maloca, na década de 1960. Neste ínterim, uma família de Makuxi, que morava próximo ao rio Arraia, veio fazer roça nessas terras. Como ficava muito distante, resolveram se mudar para próximo da roça. Como consequência, até hoje, todos os moradores da maloca são makuxi, com certo grau de parentesco com os pioneiros. Sobre a origem do topônimo, relatamos que a causa é a grande

⁸ Neste simples relato verificamos como o processo de demarcação das TIs modificou e de certa forma oficializou os topônimos das malocas de acordo com a vontade dos representantes dos órgãos públicos. Quando esses não modificavam o nome, simplesmente traduziam para a língua oficial.

⁹ Couto de Magalhães (1975, p.149) ao se referir às lendas indígenas diz: "Notei entretanto que entre as tais histórias havia um tema singular, o qual consistia em mostrar o jabuti, que aliás é um dos animais mais fracos de nossa fauna, vencendo aos mais fortes quadrúpedes, a custa de astúcia e inteligência."

¹⁰ Confira Wirth (op. cit.:186).

¹¹ Grupo de filiação lingüística Arawak, considerado um dialeto Wapixana. A historiografia indígena sugere que este grupo foi absorvido pelos Wapixana.

¹² Representado pelo Movimento Evangelista da Amazônia (MEVA).

quantidade desta árvore na serra de Manoá (próximo à maloca de Cumarú). Tanto os makuxi como os wapixana utilizam a semente do cumarú (*Coumaroua odorata*) para cura e, principalmente, como aromatizante, em função de seu cheiro agradável.

Outro topônimo com influência vegetal é Muriru. Assim como Jacamim, era um antigo centro dos Aturau. Contudo, esta maloca foi invadida na década de 1970 por fazendeiros e todos os seus antigos habitantes foram obrigados a deixar o local. Somente em 2003, com a homologação da TI de Muriru, os indígenas puderam retornar ao seu território, não obstante, segundo a história oral, apenas um aturau sobreviveu para testemunhar este reconhecimento tardio, morrendo alguns dias depois de retornar à sua terra. Sobre a motivação toponímica, dizem os wapixana que Muriru vem da grande quantidade desta planta nos igarapés da maloca. Muriru é, portanto, uma planta aquática da família das ninfeáceas¹³.

Na TI de Jacamim encontramos o último fitotopônimo das malocas Wapixana da Serra da Lua. A comunidade de Marupá está localizada na margem direita do rio Jacamim. No centro da maloca tem uma espécie arbórea de marupá – madeira de médio porte, encontrada tanto nas matas como nos campos. A motivação do topônimo é em função da grande ocorrência desta espécie na região. Os Wapixana a utilizam, principalmente, para a fabricação de portas.

1.3 Ergotopônimo

Ergotopônimos são os topônimos relativos aos elementos da cultura material. Na região, temos duas malocas sobre esta influência. Interessante que são as duas mais próximas à capital do Estado, Boa Vista. Suas nomeações têm relação com este fato geográfico.

Canauani ou Canauanim pertence à TI de mesmo nome. O topônimo é um dos poucos na região de origem arawak (do Wapixana *kanau*, ‘canoa’ e *wa'u*, ‘rio’) significando o rio da canoa; ou melhor, o igarapé da canoa. A maloca recebeu o nome do principal igarapé do lugar, aquele que ligava a maloca indígena à cidade de Boa Vista. Segundo os indígenas, o igarapé recebeu este nome por produzirem às suas margens canoa e, com isso, conseguiam levar mercadorias para vender na capital. Portanto, o topônimo tem como motivação um elemento da cultura material Wapixana.

O mesmo ocorre com a maloca vizinha, Tabalascada, pertencente à TI homônima. A comunidade está à beira da BR 432, que liga Boa Vista à cidade de Cantá. Sua localização é privilegiada em relação às demais malocas da região pela facilidade de transporte até Boa Vista, pois há linhas de ônibus diárias da capital até Cantá. Muitos indígenas, vindos de outras regiões, optam por morar em Tabalascada. Com isso, podem estudar ou trabalhar em Boa Vista e voltar para a maloca à noite. Esta aproximação dos centros urbanos com a maloca intensificou todos os tipos de trocas com os não-indígenas, de mercadorias a valores culturais. Seu nome é fruto deste processo. Numa primeira análise toponímica, podemos ser induzidos pela tupimania¹⁴ a deciframos o seu nome como a Aldeia (do Tupi *taba*) Lascada. Porém, pela análise das fontes, bem como pela aplicação das fichas Lexicográfico-Toponímicas juntos aos indígenas, aventamos que a hipótese mais cabível é a origem portuguesa do Brasil para o topônimo, com a corrupção ou contração do vocábulo tábua por taba. Confirmamos tal fato lingüístico pela maioria dos indígenas entrevistada. Eles contam que na região tirava-se muita madeira para fabricação de canoas, portas, etc. No entanto, com as chuvas intensas durante o inverno, as madeiras expostas às intempéries lascavam e rachavam, dando origem ao nome do lugar. Outra versão está associada ao caminho dos carros de bois dos fazendeiros que, ao passar pelo lugar, normalmente atolavam em função das tábuas rachadas na lama. Com isso, chamavam o

¹³ Família de grandes ervas aquáticas da ordem das ranales. Existem, em torno, de 100 espécies no mundo. No Brasil a mais conhecida é a vitória-régia.

¹⁴ Verificar Ehrenreich (1892).

lugar de Tábua Lascada. Com o uso da língua e seus caprichos, o topônimo transformou-se de composto em simples, atingindo a forma atual.

1.4 Hagiotopônimo

Os hagiotopônimos são os topônimos relativos aos nomes de santos. Na Serra da Lua, encontramos duas malocas sobre esta influência; coincidência ou não, as duas últimas malocas oficializadas: São João e São Domingos.

A primeira pertence à TI de Manoá / Pium, há poucos quilômetros da maloca de Manoá. Sua criação é de 2003, quando a comunidade tornou-se independente de Cumarú. Entretanto, seus moradores, todos makuxi, chegaram na década de 1980. O tuxaua do lugar nos conta sobre a motivação do topônimo, dizendo que antigamente não havia nome, criado posteriormente em função da cobrança dos funcionários da Funasa. Uma assembléia foi realizada para discutir o problema. Como havia sempre muitas fogueiras no local, resolveram batizá-lo com o nome do santo das fogueiras, São João.

Já São Domingos é de criação recente (2008), pertence à TI de Moskow. Desta feita não obtivemos demais informações sobre esta comunidade. Em termos culturais, percebemos uma tendência pelos topônimos de origem cristã, homenagens aos santos ou outros personagens sagrados, como os hierotopônimos.

1.5 Hierotopônimo

Os hierotopônimos são os topônimos relativos aos nomes sagrados de diferentes crenças. Encontramos apenas um na região, a maloca de Bom Jesus, localizada na menor área indígena demarcada do Estado de Roraima, a TI de Bom Jesus, com apenas 859 ha. Como não fomos até a esta maloca, devido ao alagamento das estradas, não temos muito a colaborar com seus aspectos histórico-geográficos e etnolinguísticos.

1.6 Mitotopônimos

Os Mitotopônimos são os topônimos relativos às entidades mitológicas. Temos na Serra da Lua somente um representante: Wapum. A maloca localiza-se dentro da TI de Jacamim, às margens do rio Urubu. Sua população é composta, exclusivamente, por Wapixana. A motivação do topônimo, segundo os mais velhos da maloca, é fruto de uma lenda em que havia um grande morcego comedor de gente. Certo dia, após muitas mortes, um ancião teve a idéia de utilizar uma pessoa como isca para descobrir a morada do morcego e assim matá-lo. Foi escolhida a pessoa mais antiga da comunidade, uma velhinha indígena. Ela foi amarrada com uma corda presa a um pedaço de madeira em brasa e deixada na mata. À noite, o morcego saiu para se alimentar e a atacou. Os wapixana, então, seguiram o morcego por meio do rastro de brasa no céu escuro. Chegaram ao alto de uma montanha (que veio a se chamar serra do Wapum) e entraram em uma caverna. No caminho, acharam muitas ossadas humanas. Por fim, o temido Wapum foi morto alvejado por centenas de flechas.

Sendo Wapum uma lenda Wapixana, o classificamos como mitotopônimo, em vez de um zootopônimo. Isso porque o sentido mitológico é mais forte que o zoológico.

1.7 Litotopônimo

Os litotopônimos são os topônimos de origem mineral, relativos também à constituição do solo. Uma das mais antigas malocas da Serra da Lua, Malacacheta, pertence a este grupo relativo aos topônimos de natureza física. Seu nome, também, o mesmo da TI à qual pertence, é relativo a um mineral¹⁵ bastante abundante na maloca que contrasta com os granitos das serras circundantes. Segundo a história oral, a consolidação do topônimo decorre da visita de um estrangeiro (provavelmente, início do século XIX) que, ao encontrar o minério nas redondezas da maloca, promete aos wapixana uma recompensa comercial. No entanto, o viajante jamais voltou e os wapixana descobriram que a malacacheta não tinha um bom valor comercial. Porém, tal fato serviu para a toponimização do minério, que perdura até hoje. Coudreau (1887:270) relatou dos indígenas da Malacacheta que, durante a noite, o mineral roncava. Pode ser outra hipótese sobre a motivação do topônimo.

1.8 Hidrotopônimo

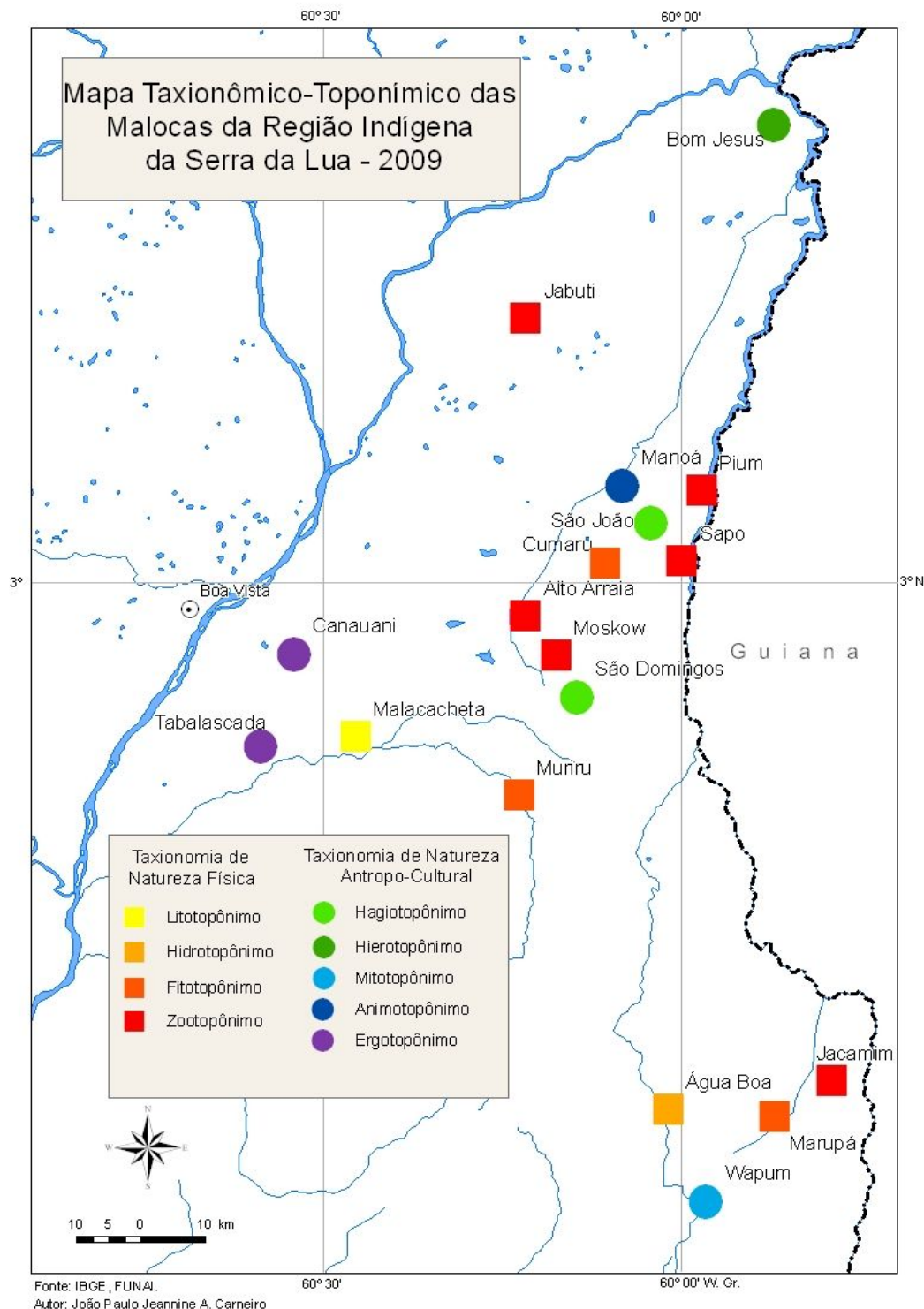
Os hidrotopônimos são os topônimos resultantes de acidentes hidrográficos em geral. Na região indígena analisada, apesar de a maioria das malocas ter o seu topônimo provenientes de nomes de cursos d'água, temos na maloca de Água Boa o único hidrotopônimo com o elemento água em sua estrutura sintagmática. Esta comunidade localiza-se dentro da TI de Jacamim – ao que consta, era o nome de uma antiga fazenda¹⁶ que, com a demarcação, tornou-se maloca.

1.9 Animotopônimo

Os animotopônimos são os topônimos relativos à vida psíquica e à cultura espiritual, abrangendo todos os produtos do psiquismo humano. Dentre as malocas da região, encontramos somente a maloca de Manoá com esta influência. Segundo nossas análises (Carneiro, 2008:100), provavelmente o vocábulo Manoá é de origem arawak (do Wapixana *mana* 'perigo' e *wa'u* 'rio, igarapé') e denomina o igarapé Perigoso; portanto, um animotopônimo, o único do texto toponímico da Serra da Lua. A motivação do nome, segundo a análise das fichas Lexicográfico-Toponímicas, está no temido lago, há poucos quilômetros da maloca, habitado por animais malignos. Com o tempo, os indígenas passaram a denominar, também sob influência do temerário lago, o igarapé, a serra e, finalmente, a maloca. Manoá é a principal e maior comunidade da TI de Manoá / Pium. Seus habitantes estão divididos entre wapixana e makuxi.

¹⁵ Malacacheta é um tipo de mica.

¹⁶ No entanto, a área da antiga fazenda, como confirmou o relatório da Funai era antigo território indígena.



Mapa 1 – Taxionomia-Toponímicas das malocas da Serra da Lua

Considerações Finais

Entre as taxionomias toponímicas, propostas por Dick (1980), encontradas no texto toponímico das malocas Wapixana, destacamos duas: os zootopônimos e fitotopônimos, que são as taxionomias mais freqüentes, repetindo uma tendência para os denominativos indígenas. Drumond (1965) destaca que, entre os Bororo, a toponímia reflete a condição de caçadores deste grupo, uma vez que os zootopônimos representam quase a metade dos acidentes geográficos. Entre os Wapixana, a influência do mundo animal aparece em aproximadamente 35% dos topônimos analisados. No entanto, como povos do campo, também caçadores, a influência do mundo animal repousa no universo mítico. Os temas recorrentes encontrados nas narrativas Wapixana são dos animais, ‘*panaaukaz*’, como sapo, ‘*kiberu*’, urubu, ‘*watu*’, jabuti, ‘*wirada*’, onça, ‘*kuduidin*’, dentre outros. Nelas, homens e bichos se casam, constituem família, compartilham do mesmo universo. Farage (1997) diz que *panaaukaz*, num sentido mais amplo, designa a “alma das coisas” e constitui um princípio genérico de animalidade. Nas práticas retóricas coletadas por Farage, dar ouvidos aos “animais” leva necessariamente à doença e, em limite, à morte. Para curar esses males, existe o mundo dos vegetais. Neste rumo, os fitotopônimos ocupam o segundo lugar entre as malocas da Serra da Lua. O texto toponímico da região revela este embate, entre os mundos vegetal e animal, com vantagem para os zootopônimos. Percebemos, portanto, como os estudos toponímicos refletem e colaboram para a elucidação da realidade étnico-cultural do grupo em evidência.

Referências

- CARNEIRO, J. Jeannine, A morada dos Wapixana: Atlas Toponímico da Região Indígena da Serra da Lua (RR). *Dissertação de Mestrado*. Universidade de São Paulo, São Paulo. 2008.
- COURDREAU, H. A. Voyage a travers : Les Guyanes et L’Amazonie. Librairie Coloniale, Paris. 1887.
- DICK, M.V.P.A., Motivação toponímica: princípios teóricos e modelos taxionômicos. *Tese de Doutorado*. Universidade de São Paulo, São Paulo. 1980.
- _____, Atlas Toponímico: um estudo de caso. In *Acta Semiótica et Lingvistica*. Vol. 6. São Paulo. 1996. p. 27-44.
- DRUMOND, Carlos, Contribuição do Bororo à toponímia brasílica. Universidade de São Paulo. 1965.
- EHRENREICH, Paul, Tribos do Brasil. In *Revista do Serviço Geográfico*, tomo VIII., Rio de Janeiro. 1892. pg 3-55.
- FARABEE, W. C. The Central Arawaks. *The University Museum Anthropological Publications*, vol. IX, Philadelphia, University of Pennsylvania. 1918.
- FARAGE, Nádia, As Flores da Fala: Práticas Retóricas entre os Wapishana. *Tese de Doutorado*, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1997.
- MAGALHÃES, José V. Couto de. O Selvagem. Livraria Itatiaia e Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo. 1975.
- MUSSOLINI, Gioconda. Notas sobre o conceito de molestia, cura e morte entre os índios Vapidiana. In *Sociologia*. vol. VI, nº 2. São Paulo. 1944. p. 134-155.
- WIRTH. M. “Lendas dos índios Vapidiana”. In *Revista do Museu Paulista*. N.S., IV, São Paulo. 1950. p. 165-216.